

Sektion/ Seção 5

Leitung/coordenação:

Gabriela Fragoso (Lisboa)
fmgcv@fcsh.unl.pt

Das Thema Kindheit in der lusophonen Literatur: Welcher Raum bleibt der Utopie?

Heutzutage ergibt sich oft die paradoxe Situation, in der die Welt der Kinder derjenigen der Erwachsenen angeglichen wird. Die Rollen von Erwachsenen und Kindern werden geradezu auf den Kopf gestellt, indem erstere sich unkritisch und kindisch einem übertriebenen Konsum hingeben, die ihnen eine Spaßgesellschaft geradezu aufzwängt, während bei Kindern praktisch alle Themen enttabuisiert werden, sei es Gewalt, Inzest, Krieg oder Kriminalität. In früheren Zeiten, so der Medienwissenschaftler Neil Postman (8. März 1931 in New York; † 5. Oktober 2003) waren solche Themen Kindern überhaupt nicht zugänglich („*The Disappearance of Childhood*“, 1982).

In dieser Arbeitsgruppe soll untersucht werden, ob die lusophone Literatur etwa ähnliche Verhältnisse widerspiegelt. Findet man darin noch das Kind als autonomes Wesen, das sich von der Welt der Erwachsenen absondert und seine eigene Welt aufbaut? Hat das Muster von arbeitenden Kindern („*Esteiros*“, von Soeiro Pereira Gomes) oder eigenständigen Kinderbanden („*Capitães da Areia*“, von Jorge Amado) noch eine Gültigkeit? Gibt es innerhalb von Schule („*Manhã Submersa*“, von Vergílio Ferreira) und Familie („*O meu pé de laranja-lima*“, von José Mauro de Vasconcelos) noch Platz für dasträumende Kind? Gibt es in der lusophonen Literatur, die das Kind zum Thema hat, überhaupt noch Raum für das Utopische?

Unsere Arbeitsgruppe setzt sich zum Ziel, das Thema Kindheit in der portugiesischsprachigen Literatur unter psychologischen, gesellschaftlichen und kulturellen Gesichtspunkten herauszuarbeiten.

Representações da infância em contextos literários lusófonos: Que espaço para a utopia?

Pretende-se uma abordagem da criança enquanto protagonista de mundos ficcionais no espaço da literatura de expressão portuguesa, tendo em consideração as características psicológicas, sociais e culturais que a enformam.

Sendo que hoje em dia se assiste, em muitos casos, à paradoxal inversão de papéis entre adultos e crianças, com os primeiros a sofrerem um processo de

“infantilização” (Neil Postman, *The disappearance of Childhood*, 1982) numa sociedade de diversão e de apelo ao consumo, enquanto que as segundas estão obrigadas a um rápido amadurecimento no confronto com a crueza de certas realidades que até há poucas décadas eram tabu, afigura-se pertinente abordar o papel que cabe à representação da infância em textos literários mais recentes: espelharão, também eles, esta situação? Haverá neles espaço para a criança enquanto protagonista autónomo que se destaca do universo dos adultos? Existe ainda o modelo da criança trabalhadora e explorada (como em *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes, texto dedicado aos “filhos das crianças que nunca foram meninos”) ou o colectivo auto-suficiente de adultos em miniatura (como em *Capitães da Areia*, de Jorge Amado)? Há espaço para a rebeldia e para o sonho em ambiente escolar (*Manhã Submersa*, de Vergílio Ferreira) ou familiar (*O meu pé de laranja-lima*, de José Mauro de Vasconcelos)? Que espaço resta ainda à utopia em textos literários de língua portuguesa que têm a criança como protagonista?